



O PROCESSO DE ALTERIDADE EM “BEYOND THE PALE”, DE RUDYARD KIPLING

João Alexandre Alves (xandy_brother@hotmail.com)

Leoné Astride Barzotto (leoneastridebarzotto@gmail.com)

Tendo como suporte teórico os estudos pós-coloniais, este artigo investiga a aplicabilidade do conceito de alteridade (BONNICI, 2005, p. 15) em “Beyond the Pale”, uma das consagradas narrativas de Rudyard Kipling (1865-1936). O escritor hindu-britânico, filho de pais ingleses, nasceu no ápice da Índia colonizada, testemunhando o impacto e a força do aparato imperialista inglês na região, e sua obra se tornou, igualmente, testemunha deste fato histórico. Em consonância com outros conceitos da teoria pós-colonial, que serão discutidos ao longo deste trabalho, a ideia de alteridade consegue fortalecer as explícitas denúncias sobre a violência durante a invasão de caráter colonial na Índia, cujas alterações socioculturais se fazem presentes em peso neste conto de Kipling como características narrativas centrais do autor. Ao resgatar a questão colonial da Índia – o processo instaurado durante quase 250 anos pelos ingleses –, pretendemos reinterpretar o papel da mulher indiana durante esse período, quem, protagonizada por Bisesa, parece estar relegada a uma condição social duas vezes subalterna, portanto, triplamente sem voz nem oportunidade ou direito à fala (GUHA, 1983; SPIVAK, 1988 apud FIGUEIREDO, 2010): a de nativa em uma sociedade colonizada, a de mulher em uma sociedade machista e a de viúva nesta mesma sociedade. O diálogo íntimo entre a denúncia de Kipling e a perspectiva pós-colonial de apuração das reverberações do colonialismo aguçam a necessidade de se reavaliar obras em que fica clara a exploração cultural, social, econômica e, sobretudo, mental/identitária sofrida pelas populações de países colonizados, recuperando registros indispensáveis para a compreensão do que foi na prática a investida colonial europeia, no ângulo, é claro, daqueles que foram as vítimas e a quem por séculos foi forçado o silêncio. Diante das nossas constatações – as quais apontam ao já sabido fato de que o aparato imperialista inglês (visando os plenos domínio e exploração dos povos colonizados) efetivou-se contundentemente por anos, sobretudo às mulheres indianas –, sabe-se que a subalternidade desse povo foi produto de uma ideologia etnocêntrica, construída identitariamente e fundamentada em uma visão distorcida de alteridade, estruturada na ideia de hegemonia racial, sexual, étnica, política e identitária europeia (eurocentrismo) em relação às populações nativas. Concluimos, desse modo, que a reflexão sobre um dos momentos mais desordenados da história humana trouxe à luz o que esteve sob o manto obscuro do imperialismo inglês: as vozes subalternas e suas repetidas investidas contra-coloniais, que estiveram silenciadas pela história que foi propagada pelo lado vencedor. É preciso resgatar a busca por subjetificação, de maneira a desmistificar a verdade, que nos tentam a todo custo esconder, de que é possível, sim, resistir.